

ENTREVISTA

GABRIEL DOMINGUES

PRODUTOR DE ELENCO

‘Gosto de pensar o casting como uma curadoria humana’



Fabio Audi/Divulgação

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Celebração estética das potências criativas do Nordeste, com talentos da Bahia, da Paraíba, de Alagoas, do Ceará, do Rio Grande do Norte e (sobretudo) do Recife, que lhe serve de cenário, “O Agente Secreto” cavou uma de suas quatro indicações ao Oscar por vias cariocas... de essência suburbana das mais resilientes (e cinéfilas): Gabriel Domingues. Foi ele quem estruturou o elenco do thriller ambientado em 1977, que o diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho rodou tendo um baiano de Rodelas, Wagner Moura, como aríete na busca por prêmios e consagração. Esse trabalho de escalar (ou produzir) um coletivo de estrelas para um filme se chama, na indústria, casting. Pela primeira vez após 97 edições da premiação anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, surgiu uma categoria para honrar essa função.

Domingues está no páreo. Disputa com Nina Gold (“Hamnet”), Jennifer Venditti (“Marty Supreme”), Cassandra Kulukundis (“Uma Batalha Após A Outra”) e Francine Maisler (“Pecadores”). Na conversa a seguir, ele explica ao Correio da Manhã como foi combinar Wagner Moura com divas natas como Tânia Maria (a intérprete de Dona Sebastiana) e astros em ascensão como Robério Diógenes, o “sujeito imperfeito” conhecido como Delegado Euclides, pai dos policiais Arlindo (Ítalo Martins) e Sérgio (Igor de Araújo).

Com 1,7 milhão de ingressos vendidos em solo nacional, “O Agente Secreto” leva o talento de Domingues ao Festival de Roterdã nesta sexta e passa pela Mostra de Tiradentes, em Minas Gerais, na tarde de sábado.

“Nasci em Jacarepaguá e cresci no subúrbio. Circulei muito pelas Zonas Norte e Oeste durante a adolescência. Isso me deu uma abrangência muito grande de tipos humanos”

Como funciona, na prática, um trabalho de casting?

Gabriel Domingues - Um trabalho de casting é a construção de um pensamento em relação à escolha e à escalação do elenco de um filme. Isso significa estar numa troca permanente com as pessoas que guiam o processo, como o diretor e o produtor. No caso de “O Agente Secreto”, essa troca foi principalmente com a produtora, a Emilie Lesclaux. A gente está sempre conversando

para entender como vai ser essa escalação, como o filme vai se representar por meio dos atores. Quando existe um roteirista que não é também o diretor, ele pode participar desse processo, porque o casting fala muito de personagem. Nossa grande referencial é sempre o personagem. Gosto de pensar o casting como uma curadoria humana. É a escolha dos humanos que vão estar construindo e povoando esse filme, essa imagem, esse universo cinematográfico.

